

# No meio do caminho tinha um graffiti: um dispositivo remoto para mapeamento da percepção

*In the middle of the way there was a graffiti: a remote device for perception mapping*

Paolla Clayr de Arruda Silveira\*

\*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, paolla.silveira@iff.edu.br

usjt

arq.urb

número 34 | maio - ago de 2022

Recebido: 04/03/2022

Aceito: 08/07/2022

DOI: [10.37916/arq.urb.vi34.584](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi34.584)



---

## Palavras-chave:

Graffiti.  
Metodologia de pesquisa.  
Mapeamento visual.

## Keywords:

Graffiti.  
Research Methodology.  
Visual mapping.

## Resumo

Com o objetivo de propor um dispositivo metodológico aplicável de forma online, o embasamento bibliográfico deu suporte para a construção de um percurso investigativo, que, unindo conceitos da etnotopografia e do mapeamento visual, pode ser aplicado como piloto aos participantes de uma oficina virtual temática, contida na programação de um evento acadêmico local, com potencial para revelar atributos e elementos da percepção, pertencimento, cultura, memória e identidade, a fim de questionar se as pessoas percebem a presença e/ou como identificam as táticas discursivas presentes em seu cotidiano. Delimitou-se um caminho linear para um flâneur digital para observar os graffiti ao longo da Avenida XV de Novembro na região central da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, às margens do Rio Paraíba do Sul, onde aconteceu o Festival Campos Graffiti, em 2016.

## Abstract

With the objective of proposing a methodological device applicable online, the bibliographic basis supported the construction of an investigative path, which, combining concepts of ethnotopography and visual mapping, can be applied as a pilot to the participants of a thematic virtual workshop, contained in the programming of a local academic event, with the potential to reveal attributes and elements of perception, belonging, culture, memory and identity, in order to question whether people perceive the presence and/or how they identify the discursive tactics present in their daily lives. A linear path was delimited for a digital flâneur to observe the graffiti along Avenida XV de Novembro in the central region of the city of Campos dos Goytacazes/RJ, on the banks of the Paraíba do Sul River, where the Campos Graffiti Festival took place in 2016.

---

## **Introdução**

O viés discursivo do contexto urbano tem contribuído de maneira significativa para as análises dos conteúdos inscritos no discurso sobre cidade, de seus espaços e sujeitos que a animam, por meio do discurso não-verbal, que colabora para com a semantização do espaço. Cada ponto do espaço urbano, como suas vias, construções, terrenos baldios ou semiconstruídos, contribuem para a formação de uma malha informacional.

Na cidade, o texto verbal liberta-se da continuidade gráfica dos caracteres e sinais, e une-se aos índices dispersos em ruas, avenidas, edifícios, multidões em locomoção, ruídos, luzes, cor e volume. Nesse sentido, os códigos da cidade se formam não por meio de um único signo, mas por signos variados sendo percebidos e registrados por toda cidade por meio da experiência urbana, de uso dos espaços, uso este que os qualifica, caracteriza e sedimentam uma memória urbana.

O caminhar pela cidade, como coloca Silveira (2017), assemelha-se a navegar por um hipertexto, que permite diversas associações significantes, promovendo uma leitura multilinear, pautada no percurso e não mais no plano representativo. Essas maneiras de sentir, no entendimento de Haroche (2008), refletem “um estado dado das condições de sensorialidade”, o qual se relaciona tanto ao “modo de existência dos objetos” quanto “às maneiras de perceber” do homem, como se houvesse um processo de “contenção” do ser no mundo, ou seja, numa representação distinta do corpo, instaurando e permitindo a existência do sujeito.

Essa maneira de se relacionar com as pessoas e com as coisas sofre alteração pelos fatores que formam o processo de significação para um sujeito, individualmente em suas próprias conclusões, ou coletivamente, pelas crenças, por exemplo, pelos elementos sócio-históricos e culturais. Nessa perspectiva, graffiti e picho são, muitas vezes, alvos de perseguição e apagamento para uns, e arte para outros.

Eckert (2019, p. 9) afirma que “escrever (ou desenhar) na parede tem outra repercussão, coletiva, chega a uma plateia mais vasta”, então, a cidade é afetada pelas significações individuais no imaginário e no espaço mental, estando subjugado à ilusão de transparência dos sentidos, e para complementar esse pensamento, Charadeau (2019, p. 13) afirma que “todo discurso é testemunho das especificidades culturais de cada país”.

Dentro dessa perspectiva, este trabalho se delinea em busca da abstração no processo de interação entre os sujeitos e a arte urbana no cotidiano da cidade, em pleno ritmo incessante, interessado no que nos fala a linguagem cunhada dentro da cidade, com foco direto nos grafittis encontrados no trecho de um quilômetro na região central da cidade de Campos dos Goytacazes, ao norte do Rio de Janeiro, produtos de uma iniciativa do governo municipal chamada Festival Campos Graffiti, realizado em 2016, e que estão preservados até atualmente.

## **Contextualização e Abordagem Conceitual**

Bernardo Secchi (2006, p. 15) aborda essa imensidão de símbolos exercidos e empregados nas cidades como “um imenso depósito de signos conscientemente deixados por quem nos precedeu (...), as diversas gerações o têm escrito, corrigido, apagado e acrescentado”. Para acessá-los, Ferrara (1999, p. 18) defende que somente a prática cultural e a experimentação urbana permitiriam compreendê-los, visto que na “prática cultural que concretiza (...) e se apoia, de um lado, no uso urbano, e de outro na imagem física da cidade, da praça, do quarteirão, da rua, entendidos como fragmentos habituais da cidade”.

Nesse processo, o espaço de vida em comunidade é afetado por significações individuais no imaginário e no espaço mental, estando subjugado à ilusão de transparência dos sentidos. Sarlo (2014) coloca que a cidade apresenta uma proliferação de signos de naturezas opostas que se associam, competem, se anulam ou entram em conflito. O sujeito busca significar-se numa cidade atravessada por sentidos/discursos que funcionam em relação a uma história de dizeres que os precedem.

As significações individuais são reforçadas por Michel de Certeau (1995, p. 212), quando analisa as influências do espaço urbano sobre a sociedade, devido à heterogeneidade das linguagens atuantes, logo, “quando admitirmos pensar e tratar a cidade não como uma linguagem unívoca, (...) mas de percepção da cidade ou de associações de vias que são práticas urbanas, vivenciaremos um novo tipo de sociedade”. Ou seja, para que os espaços se conectem, são necessárias as percepções das práticas urbanas e experiência dos lugares que se constituem entre a mobilidade e a permanência.

A alternância entre movimento e pausa é, num primeiro momento, colocada como algo imprescindível para a percepção e o pensamento na concepção de Haroche. Rapoport faz uma proposta para investigar esses elementos de percepção, afirmando que o nível de variedade de elementos que cada espaço deve apresentar é inversamente proporcional à velocidade, ou seja, espaços percorridos pelos pedestres, por possuírem baixas velocidades, devem apresentar alto nível de “complexidade”, ao passo que mais elementos serão sentidos, mais tempo o nosso corpo terá para perceber os detalhes do contexto em que está se inserindo.

Para que refletir e sobreviver sejam possíveis na cidade contemporânea, Rapoport vai defender a relação complexidade/velocidade, onde “complexidade” refere-se ao equilíbrio entre caos e monotonia, necessário ao bem-estar do ser humano, que instiga sem exceder a capacidade de percepção. (RAPOPORT, 1990)

Se a cidade é reconhecida pela sua lateralidade fixa, construída, é, no entanto, sua mobilidade, a sua dinamicidade, que a anima. A cidade é um lugar de troca e encontro de sua gênese, e, segundo Secchi (2006, p. 90-91), “é lugar privilegiado da mescla de pessoas e diversificação de atividades (...), é por natureza, instável, sede de mudanças contínuas”.

Pensar a cidade requer incluir a construção humana, uma intervenção ou arte temporal e espacial delimitada, que indiscutivelmente implica no não urbano. A leitura perceptiva do ambiente somente pode ser levada a efeito através de signos engendrados na mente, pela percepção e legibilidade ambiental.

Para Tuan (1983), “espaços” transformam-se em “lugares” quando permitem que a pessoa desenvolva afetividade em relação a esse local e isso só é possível através da experiência do espaço. Não existe, portanto, um momento exato em que o espaço “se torna” Lugar. Existe um processo contínuo, ininterrupto, no qual o ambiente é modificado, recebe afetos, toma novas significações, modifica o indivíduo que o usa e retorna a ser alterado em seus valores e significados a cada momento.

Assim, referencia-se a cidade como objeto de pesquisa - principalmente na cidade transversal ao que é real, onde existem os dizeres e a imaginação - e como pano de fundo para os textos imbricados em seus espaços. Intervenções visuais urbanas fazem parte do cotidiano das cidades e tem impactado os espaços de convivência e passagem. Em 2021 completou uma década desde que o Brasil revisou a

legislação e descriminalizou o ato de grafitar, visando sua utilização como forma de promover a revalorização do espaço urbano, através da Lei n.º 12.408/2011, que alterou o artigo 65 da Lei n.º 9.605/1998.

Em Campos dos Goytacazes, nos anos 2000, registravam-se intervenções visuais urbanas apenas através de cartazes colados, mensagens religiosas e pichações em ações realizadas por indivíduos sem coletivo ou por agências de propaganda, e o graffiti aparecia mais nas áreas periféricas através das inscrições e rabiscos (RANGEL, 2016). Em 2004 acontece o primeiro encontro de grafiteiros em Campos dos Goytacazes, com iniciativa e organização própria, intitulado “Intervenção em Grande Muro”, um painel pintado coletivamente, que, nas palavras de Rangel (2019, p. 178), tinha um “impacto visual agradável para que o graffiti se tornasse algo palatável ao gosto do campista”.

O graffiti surge no centro da cidade de forma tardia nos anos de 2011, onde a arte de rua assume maior espaço na malha urbana conforme há uma adesão crescente de outros praticantes, muitas vezes vindos de outros municípios. Para Rangel (2019, p. 179) existem duas hipóteses para o aumento da presença da arte urbana na cidade:

- i) o crescimento da população estudantil de nível superior pode ter relação com o fortalecimento da arte urbana em Campos visto os novos cursos de graduação na UFF e IFF, como Música e Teatro, então “a cidade vê crescer a demanda por espaços e eventos culturais para atender aos jovens universitários que migraram para Campos para estudar”; e
- ii) o fato da inserção de Campos no contexto das novas regras de distribuição dos royalties e participações especiais da indústria petrolífera implementadas a partir da Lei do Petróleo de 2007, que potencializou a relação entre grafiteiros, oportunidades de trabalho e de estudos, promovendo mudanças na dinâmica econômica da região com impactos na economia, na estrutura territorial da região e nos movimentos culturais nas cidades da região petrolífera.

Algumas instituições começam a difundir a arte do graffiti a partir de oficinas ofertadas pela Fundação Municipal da Infância e da Juventude, a fim de “retirar os jovens das ruas com uma ocupação artística” (RANGEL, 2019, p. 179) e pelo SESC. Nesse contexto, em 2016, acontece uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Campos dos

Goytacazes, através da Fundação Municipal da Infância e da Juventude e da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, com o lançamento do edital para o I Festival Campos Graffiti onde o tema “Histórias de Campos e Paz” vedava artes de caráter político ou religioso.

Souza (2011) define o graffiti como um texto multissemiótico, que mescla o verbal e o não-verbal, para intencionalmente interferir na paisagem urbana, e será justamente este Festival que atuará, através de seus graffiti, como material para alcançar o objetivo deste artigo, em propor um dispositivo metodológico aplicável de forma online que possa investigar a percepção das pessoas sobre essas artes expostas na região central da cidade, em busca de respostas para duas questões principais: será que as pessoas reparam nos graffiti? será que reconhecem os discursos inscritos neles?

Sarlo (2014) afirma que a cidade em que houve intervenção da arte transforma o flâneur em um performer, ou seja, além de percorrer a rua, o sujeito interage com ela, e nessa conjuntura, este trabalho pretende recuperar os conceitos de complexidade, em Rapoport - tendo que quanto menor a velocidade da observação, mais complexa se torna a paisagem pelos detalhes que podem ser percebidos -, e da caminhada, em Thibaud, acreditando que a apreensão espaço-temporal se dá através da percepção em movimento.

### **Materiais e métodos**

Ferrara (2002, p. 30) questiona: “Como ler? Como ensinar a ler o não-verbal? Como respeitar e valorizar a dinâmica do espaço ambiental?”. Segundo a autora, não há método fixado ou predeterminado, não sendo método o conceito mais adequado, e sim procedimentos metodológicos, ou seja, “há necessidade de estabelecer esses mecanismos, porém sua operacionalização depende da natureza e da dinâmica de cada objeto lido”. Então como ler a relação do graffiti de rua com as pessoas?

Duarte (2010) levanta alguns procedimentos possíveis para investigação das subjetividades da cidade, entre eles a Etnotopografia, e orienta que ao pesquisador das urbanidades caberia uma descrição mais completa, que envolve as ambiências e revela questões importantes para o entendimento do universo cultural que se modifica e se recria no local de estudo.

A Etnotopografia permite interferências nos seus modos de operação, entretanto, existem dois procedimentos que mais difundidos como ferramentas de pesquisa: o mapeamento de manifestações, que consiste em demonstrar, em geral, relações, movimentos, manifestações e estímulos e outros dados captados em campo; e os croquis de campo, como um produto gráfico da observação, formado por desenhos arquitetônicos, rabiscos, croquis e esquemas. (SILVEIRA, 2020)

Como ponto de reflexão, Silveira (2020, p. 10) pondera que “a visão do pesquisador, apesar da ousadia em estar dentro e perto do objeto de estudo, pode não ser suficiente para reproduzir em totalidade o que o outro percebe do espaço”, principalmente em estudos que não permitem uma rotina frequente de observação participante, como no caso deste artigo, onde a coleta de informações se deu em plena pandemia de Covid-19 e de maneira totalmente remota.

Portanto, cabe ressaltar, a Etnotopografia aqui serviu como inspiração para a composição e construção do dispositivo investigativo, principalmente por assumir que é importante destacar que não só a visão deva ser privilegiada. Sons, cheiros, texturas, luminosidades compõem uma ambiência e precisam ser considerados. (CARVALHO, 2013)

Partindo do entendimento de que pode não ser suficiente o olhar do pesquisador, ainda mais quando da carência de tempo e oportunidade da observação in loco, aproximada e vivenciada como demanda a etnotopografia, outro procedimento soma ao caráter deste artigo, chamado Mapeamento Visual, trabalhado por Rheingantz (2009). Essa ferramenta, também adaptável a diversos cenários, possibilita identificar a percepção dos usuários em relação a um determinado ambiente, inclusive como instrumento de avaliação pós-ocupação, com enfoque a aspectos diversos, assumindo a vitalidade do lugar.

Inicialmente, para a construção do dispositivo aplicável remotamente e sua posterior explicação enquanto percurso metodológico para investigar o recorte em questão - os graffiti num determinado trecho da cidade de Campos dos Goytacazes -, foi necessário organizar as ferramentas e materiais, como pode ser observado na figura 1, a seguir.

Material	Ferramenta de aquisição do material	Forma de apresentação aos respondentes
Fotografia dos graffitis no trecho	Google Street View (atualizado em junho de 2021)	Plataforma de apresentação virtual Mentimeter
Gravação de vídeo no trecho	Câmera de celular tipo android	Plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube

**Figura 1.** Organização das ferramentas e materiais utilizados. Fonte: autoria própria (2021)

De posse dos materiais, da definição do trecho e do tema de interesse a ser pesquisado, tornou-se necessário determinar quem seriam os respondentes, e até mesmo, como chegar nesses sujeitos, de forma segura em termos sanitário, e criterioso, em termos de perfil desses participantes, que seja representativo diante do objeto em tela, ainda que piloto ou pré-teste, “uma miniversão do estudo completo, que envolve a realização de todos os procedimentos previstos na metodologia de modo a possibilitar alteração/melhora dos instrumentos na fase que antecede a investigação em si”, diria Bailer (2011, p. 129).

Cabe salientar que, mesmo sendo uma proposta de dispositivo de caráter online, foi de extrema preocupação desta pesquisadora buscar um momento que reunisse pessoas que tenham o trecho da Av. XV de Novembro como uma realidade no cotidiano, seja como pedestre ou por outros meios, no transporte coletivo ou particular, ciclofaixa, etc.

Como docente na rede federal de ensino no Instituto Federal Fluminense - IFF na cidade de Campos dos Goytacazes, a autora tomou ciência da possibilidade de oferecer uma oficina dentro da programação do VIII Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão, evento este que é tradicional dentro da comunidade escolar, e neste caso em particular, o IFF campus Guarus (sede do evento) é um marco na cidade e se localiza no distrito do outro lado do Rio Paraíba do Sul, bem próximo ao trecho investigado com as intervenções do I Festival Campos Graffiti, como pode ser observado na Figura 2:



**Figura 2.** Localização do trecho a ser analisado e suas proximidades. Fonte: Adaptação do Google Maps, autoria própria (2021).

Diante da oportunidade e após contato com a Comissão Organizadora do evento, foi agendada para 25/11/2021 uma oficina intitulada “No meio do caminho tinha um graffiti: exercício virtual de percepção do cotidiano”, com 20 vagas e duração de duas horas.

Também foi indicado no link da inscrição o perfil para os interessados na oficina, como pessoas que gostam de falar sobre a cidade e a arte urbana, que, preferencialmente, conheçam um pouco sobre Campos dos Goytacazes. A oficina contou com a presença de 12 inscritos e aconteceu através da plataforma síncrona do Google Meet.

Foi possível construir um dispositivo usando estratégias totalmente online e de fácil utilização, mais simples e intuitivas, e que ainda contassem com o suporte da pesquisadora caso os respondentes tivessem alguma dúvida durante a participação. As ferramentas foram organizadas e aplicadas aos respondentes em 4 fases, melhor descritas na Figura 3:

*No meio do caminho tinha um graffiti: um dispositivo remoto para mapeamento da percepção*

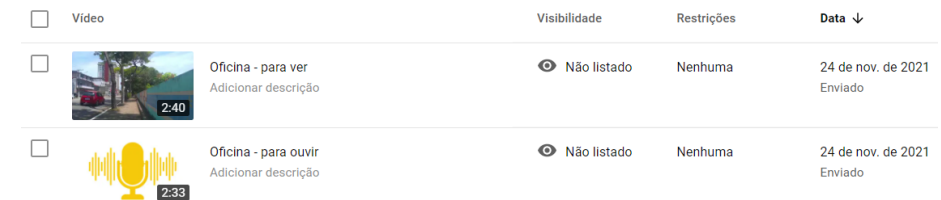
Como pode ser visto na Figura 4, o vídeo da Fase 1 (ouvir a cidade) possui 2:33 minutos de duração e da Fase 2 (para ver a cidade), 2:40 minutos, com a intenção de serem curtos para gerar interesse nos participantes, na estratégia de não dispersar as atenções.

Fase	Descrição da atividade	Ferramenta	Materiais usados
1 - Ouvir a cidade	Os respondentes ouvem o material e anotam em papel os sons que conseguirem identificar	YouTube	Registro sonoro captado no local, sem imagens
2 - Ver a cidade	Os respondentes assistem o material e anotam em papel os elementos visuais identificados	YouTube	Registro sonoro captado no local, sem som
3 - No meio do caminho tinha um graffiti	Os respondentes classificam as fotografias por critério de identificação do discurso contido nas obras, verbais e não-verbais	Mentimeter	Fotografia de 10 graffitis no trecho
4 - Mapeamento das manifestações	Os respondentes escrevem o que viram e ouviram nos vídeos da Fase 1 e 2 e constroem um mapa com base nas lembranças perceptivas que possuem sobre o espaço	Jamboard	Anotações das Fases 1 e 2 e percepção individual do espaço

**Figura 3.** Organização do dispositivo “no meio do caminho tinha um graffiti”. Fonte: autoria própria (2021)

Todas as ferramentas adotadas são de uso gratuito e foram submetidas aos respondentes através de links de compartilhamento. Descrevendo brevemente sobre as funções e formas como cada ferramenta pode ser utilizada, o Youtube permite que os usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital.

Para esta oficina, os vídeos foram elaborados, editados e carregados pela própria pesquisadora, de modo não listado, ou seja, os respondentes têm acesso direto ao conteúdo somente através do link, não estando disponível para quaisquer usuários.



**Figura 4.** Vídeos elaborados para a oficina, dentro do YouTube. Fonte: YouTube Studio da própria autora.

A plataforma Mentimeter permite a criação e compartilhamento de apresentações de slides com interatividade ao público, agregando funcionalidades extras, como criação de quiz, suporte a perguntas e respostas, entre outras. Para este artigo, foi elaborada uma apresentação com 10 páginas, onde cada página possuía a imagem de um graffiti existente no local investigado.

Ao acessar a apresentação online, os respondentes deveriam classificar o seu grau de compreensão do discurso contido em cada arte observada. Para responder a pergunta-chave “Você sabe do que se trata esse graffiti?”, os participantes poderiam usar uma dentre as quatro opções: sim, não, talvez sim, talvez não. A última plataforma, utilizada na Fase 4, chama-se Jamboard e atua como um quadro branco digital inteligente que pode ser editado de forma colaborativa com outras pessoas, podendo ter várias páginas, se necessário. Os resultados colhidos e as análises da metodologia descrita serão observados e apresentados na sessão seguinte.

### Resultados alcançados

As Fases 1 e 2 demandaram uma observação mais detalhada por parte dos respondentes, na perspectiva de ativar alguns sentidos separadamente, iniciando pela audição, onde os participantes puderam contemplar o registro sonoro realizado no local pela pesquisadora, como já explicado anteriormente. Também foi possível trabalhar a visão dos respondentes através de um vídeo gravado no local, entretanto,




uso de “saindo, balançando, pedalando, transitando”, como se as coisas no vídeo estivessem acontecendo no momento presente, quando na verdade, o vídeo registrou ações acontecidas no dia anterior à oficina, portanto, no passado.




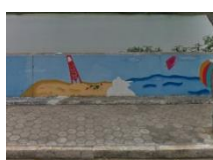

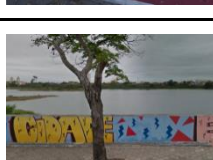

Essa característica de afirmar a pulsação da cidade, ao dar nomes abstratos aos sons e a algumas informações visuais, assim como de descrever o percebido como se estivesse acontecendo nesse instante, torna-se um ponto muito importante nesse trabalho, que abraça a complexidade urbana e a compreende como elemento a ser percebido em velocidades mais baixas, questionando se no dia-a-dia as pessoas reparam nas mesmas coisas que repararam ao participar da oficina.

E se não reparam, o que leva a isso: A insegurança urbana? A questão de gênero na cidade? A infraestrutura das calçadas ou da iluminação?

A Fase 3 (Figura 7) faz referência direta aos graffiti dentro do recorte analisado e foi propositalmente colocada para acontecer após as Fases 1 e 2 das observações auditivas e visuais do trecho, pois a pesquisadora entendeu que poderia provocar influências nos respondentes caso antecipasse os vestígios mais imagéticos antes de uma observação mais macro do espaço urbano.

Como explicado anteriormente, nessa fase, os respondentes classificaram seus conhecimentos sobre os elementos representados nos 10 graffiti selecionados para a oficina, gerando os resultados a seguir.

Pergunta:		Você sabe do que se trata esse graffiti?			
Graffiti	Tema	Sim	Não	Talvez sim	Talvez não
	Economia da cana-de-açúcar e passado escravocrata	50%	25%	25%	-

	Lenda do Ururau	62,5%	12,5%	25%	-
	Hino da cidade	37,5%	-	50%	12,5%
	Lenda do Ururau	25%	25%	25%	25%
	Praia no distrito de Farol de São Thomé	75%	12,5%	-	12,5%
	4 principais times de futebol da cidade	75%	-	-	25%
	Economia do petróleo	50%	12,5%	12,5%	25%
	Hino da cidade	25%	37,5%	25%	12,5%



No meio do caminho tinha um graffiti: um dispositivo remoto para mapeamento da percepção pergunta extra para os respondentes: “Qual a temática central dos graffitis analisados?”. Foi possível gerar a Nuvem de Palavras da Figura 8 que, de forma bem interessante, mostram palavras que são capazes de enredar o tema central oficial proposto pela prefeitura, que era “Campos de História e Paz”.

Em análises de nuvens de palavras, sabe-se que as palavras ficam maiores conforme a frequência que são mencionadas, ou seja, quanto mais se repete, maior ela fica graficamente (Figura 8).



Figura 8. Nuvem de palavras dos possíveis temas centrais dos graffitis. Fonte: Temas citados pelos respondentes no Mentimeter. (2021)

Há um claro destaque para a palavra “história”, sendo então a mais mencionada entre os respondentes, seguida de “representatividade”. O interessante está no significado desses termos, onde a História está relacionada aos fatos passados e que formam um espaço de linguagem, imbuídos de dizeres verbais e não-verbais com aspectos social, econômico, cultural, ambiental, religioso, etc.

A Representatividade traz consigo a noção de compor uma amostra, uma parte, que possa corresponder ao todo no seio da qual ela é escolhida, até mesmo com caráter de demarcação local, territorial, de se fazer presente, de se fazer enxergar uma parcela que também faz parte de um lugar. O graffiti é uma manifestação urbana que tem esse viés de representatividade social, sobretudo das camadas mais carentes da população, além de um elemento de formação de sentido do lugar.



	Lenda do Ururau e tradição do remo	25%	25%	25%	25%
	Nilo Peçanha - personagem histórico da cidade, primeiro presidente negro do Brasil	37,5%	-	62,5%	-

Figura 7. Compilação dos resultados da Fase 3, realizada no Mentimeter. Fonte: Baseado nas respostas dos respondentes no Mentimeter. (2021)

É possível perceber que os temas mais reconhecidos se relacionam ao futebol local, a praia de Farol, que, em geral, são os assuntos mais comuns no dia-a-dia dos cidadãos. A lenda do Ururau é mais disseminada nas escolas da cidade, então há uma ação educativa e cultural em trazer o folclore regional para os alunos, o que se reflete no reconhecimento desse tema quando aparece no graffiti, principalmente quando a arte é elaborada fielmente ao símbolo na história, ou seja, quando o jacaré é pintado dentro do imaginário comum é mais facilmente reconhecido, diferente de quanto outras técnicas são usadas, como stêncil ou as releituras (como no caso dos graffitis nº 4 e 9).

Já entre os temas menos conhecidos estão os graffitis que fazem menção ao Hino da cidade de Campos dos Goytacazes, por serem frases muito pontuais e específicas; e ao Nilo Peçanha (nº 10), personagem histórico importante dentro da política nacional, nascido em Campos e que chegou a ser o primeiro negro presidente do Brasil. No graffiti está a representação de seu rosto sem seu nome, talvez isso seja um sinal de que a disseminação da sua história ainda não está atrelada a sua imagem ou face, estando ainda desconhecido dentro do cotidiano local, naquela hipótese geral dos respondentes “não ligarem o nome à pessoa em si”.

Durante a oficina, não foi explicado aos participantes sobre o que se tratavam os graffitis, não foi mencionado em momento algum que eles faziam parte de um festival local e qual era o tema central direcionado aos artistas. Assim, foi feita uma

Como fechamento do dispositivo adotado para esse percurso virtual dentro desse recorte urbano, foi confeccionada uma cartografia a fim de provocar os respondentes a se lembrarem das vivências sobre aquele lugar, seja pelo uso enquanto pedestre, ou não, mas que tentassem buscar na memória as sensações mais gerais sobre o trecho analisado. Assim, foi possível chegar à cartografia, a seguir, construída coletivamente (Figura 9).



**Figura 9.** Mapeamento das manifestações. Fonte: Jamboard produzido na oficina pelos respondentes. (2021)

Os respondentes foram provocados a mapear como sentem ou percebem o trecho analisado, instigados pelos ícones previamente selecionados na legenda. Chama atenção o fato dos respondentes terem extrapolado o limite do recorte, que vai da Ponte Barcelos Martins até a Ponte da Ferrovia, fazendo uma certa análise sensorial do entorno, como a indicação de “medo” ao redor do trecho; o símbolo de “barulho” nas vias mais expressas, como a própria avenida e a ponte, como marcos sonoros; a aparição da “tristeza” dentro do rio Paraíba do Sul; e a indicação de “cheiro bom” onde é o IFF Guarus, que sediou o evento e incluiu esta oficina na programação. Nota-se que o “cheiro ruim” aparece perto do único ponto de ônibus que há no trecho analisado, e o “costumo ir/costumo não ir” mostrando sinais de como se dá o deslocamento dentro da cidade.

*No meio do caminho tinha um graffiti: um dispositivo remoto para mapeamento da percepção*

Diante desses elementos levantados, é possível questionar se a interferência institucional, quanto à temática a ser adotada nos grafismos com o dito objetivo de difundir uma técnica artística pelos vieses de inclusão da arte de rua na sociedade em geral, também pode ser lida com as nuances de “amansar” do caráter subversivo dessa arte, proposital ou não, num certo desvirtuar desse elemento na sua essência, marginal e periférica, se moldando a ter que abordar, obrigatoriamente, a memória da cidade e seus elementos culturais, ao gosto da sociedade tradicional, que nem sempre estará imbuída daqueles dizeres e imaginários representados nos muros.

### Considerações Finais

Este artigo teve o objetivo de propor um dispositivo metodológico aplicável de forma online, unindo conceitos da etnotopografia e do mapeamento visual. Com a oportunidade de ter sido aplicado como piloto aos participantes de uma oficina temática, contida na programação de um evento acadêmico local, teve a intenção de questionar se as pessoas percebem a presença e/ou como identificam as táticas discursivas dentro dos graffiti presentes em seu cotidiano.

Como todo processo de pesquisa qualitativa, sabe-se que algumas intervenções serão importantes para resultado mais delineados e que alcancem informações ainda mais valiosas para a pesquisa das cidades contemporâneas, principalmente quando se assume o risco de pesquisá-las remotamente, seja pelos motivos de pandemia ou por outros motivos quaisquer que afastem o pesquisador do recorte a ser analisado, seja distância ou dificuldade de acesso, por exemplo.

Entrecruzando as fases metodológicas explicadas anteriormente, partiu-se do desconhecido e buscou-se entendê-lo somente com os ouvidos, num movimento de quietude que por muitos motivos é quase impossível na rotina da cidade. E quando foi possível espiar com os olhos, foi necessário desligar os ruídos para ver melhor, para ver com paz.

Na proposta de olhar o espaço com os sentidos separados, ousou-se questionar o significado nas coisas, nas artes, nas artes presentes nas coisas. Ao fazer isso, encontram-se discursos, vozes dos outros e nossas, entendendo que perceber requer mais que elementos sensoriais: requer experimentar e praticar interdiscursividade, conhecer mais de si, dos outros e das outras coisas.

*No meio do caminho tinha um graffiti: um dispositivo remoto para mapeamento da percepção*

RANGEL, Arthur. ALBINO, Ranna. O graffiti na área central de Campos dos Goytacazes: tatuagens na epiderme urbana. In: **Elisée**. v. 5, n. 1, 2016. p. 170 - 192. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/4885/3297>. Acesso em 22 nov. 2021.

RAPOPORT, Amos. The Perceptual Characteristics of Pedestrian Streets: the general and specific hypotheses, in: **History and Precedent in Environmental Design**, Plenum Press, New York, 1990.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. (Org.). **Observando a qualidade do lugar**: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ, 2009.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista**: mercadorias e cultura urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. Trad. de Marisa Barda e Pedro M. R. Sales. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SILVEIRA, P. C. A. Etnotopografia aplicada em praças: algumas ferramentas para ler a cidade em arquitetura e urbanismo. In: **Perspectivas Online**: Humanas & Sociais Aplicadas, v.10, n. 27, p.1-21, 2020. Disponível em: [https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas\\_sociais\\_e\\_aplicadas/article/view/1755/1658](https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1755/1658). Acesso em 23 nov. 2021.

SILVEIRA, Paolla C. de A. **Cidade transversal**: semantização do espaço urbano em Campos dos Goytacazes/RJ. Dissertação de Mestrado - UENF, Campos dos Goytacazes, 2017.

SOUZA, Ana Lúcia S. **Letramentos de reexistência**. São Paulo: Parábola, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

## Referências

BAILEY, Cyntia; TOMITCH, Leda Maria Braga; D'ELY, Raquel Carolina Souza. Planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para uma pesquisa experimental em linguística aplicada. **Revista Intercâmbio**, v. XXIV: 129-146, 2011. São Paulo: LAEL/PUCSP.

CARVALHO, Nathalia Moreira. **Ambiências Noturnas**: Arquiteturas e Subjetividades em cenários urbanos cariocas. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2013.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1995.

CHARADEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2019.

DUARTE, Cristiane R. Cultura, Subjetividade e Experiência: dinâmicas contemporâneas na Arquitetura. In: **Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro, 2010.

ECKERT, Cornelia; CAMPOS, Ricardo; DIÓGENES, Glória; DABUL, Ligia; Arte e cidade: policromia e polifonia das intervenções urbanas. In: **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 25, n. 55, 2019, p. 7–18. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/34KHg8PHmDKqms3S3dX6jkh/?lang=pt>. Acesso em 23 nov. 2021.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 2002.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar periférico**: informação, linguagem, percepção ambiental. São Paulo: EDUSP, 1999.

HAROCHE, Claudine. **A condição sensível**. Tradução de Jacy Seixas e Vera Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.

RANGEL, Arthur. MIRANDA, Elis. O Graffiti e a paisagem da cidade: arte, ação e cultura em Campos dos Goytacazes. In: **Papers do NAEA**. v. 28, n. 1, 2019. Disponível em: <http://novoperiodicos.ufpa.br/periodicos/index.php/pnaea/article/view/7598>. Acesso em 23 nov. 2021.